

Reflexiones sobre la metrópoli global

María Adelia A. DE SOUZA

El fenómeno actual de la globalización está presente, ante todo, en las grandes metrópolis mundiales, cuya evolución parece dirigirse a la constitución de la Metrópolis Global. En ese objetivo se puede plantear, por una parte, las transformaciones a nivel interno, intrametropolitano y, por otro, las relaciones entre la metrópoli, la sociedad y la ciudadanía.

A METROPOLE GLOBAL

Uma reflexão sobre as transformações no nível intrametropolitano.

A metrópole e a globalização: a dimensão geográfica

Como entender, na perspectiva do processo de globalidade, as transformações no nível intrametropolitano?

Primeramente é preciso informar de que se trata de uma perspectiva geográfica da questão. Logo, o nível intrametropolitano corresponde a uma escala do espaço geográfico. Este por sua vez é aqui entendido como espaço social, espaço humano. Espaço humano como fato histórico. E, o significado da metro-

pole, neste período da história também mudou. As possibilidades de produção e apropriação do espaço mudaram face não mais a justaposição espaço/tempo (rede).

Espaço/Tempo. Globalização-Fragmentação, Geografia-História, pares conectados que, se não forem explicitados poderão gerar um reducionismo condenável nos estudos da urbanização.

Façamos um exercício teórico, ainda que breve. As relações espaço/tempo não podem ser vistas como justaposição mas como uma apreensão simultânea, não sucessiva. Caso contrário, torna-se difícil a apreensão da globalização, propiciada pela técnica e suas implicações nas formações sociais.

Globalização, sistema mundo Olivier Dollfus (1991) propõe e desenvolve essa discussão —«o sistema mundial não pode ser equilibrado»—. Surgem espaços e territórios adoecidos nesta curta história tempo/espaço social. A urbanização, sem dúvida alguma dá a dimensão estrutural desse processo.

Brasil - território da desigualdade

A questão da espacialidade, da territorialidade brasileiras, é sempre deixada de lado nas discussões políticas e nas formulações dos Planos e Políticas Públicas. Os discursos produzidos sobre estas questões insistem em ignorar que as características essenciais da economia brasileira ou melhor dizendo, a formação socio-espacial brasileira, a formação do território brasileiro, é produto das relações sociais no Brasil. A sociedade e o espaço brasileiros precisam ser considerados, concomitantemente.

No entanto, os processos atuais de desenvolvimento das relações sociais, são caracterizados pela globalização —consequência direta do desenvolvimento científico e tecnológico, atributo essencial deste período da História da Humanidade —e, pela fragmentação— que explode os territórios, amplifica as ideologias, surgem os regionalismos de toda ordem e interfere de forma brutal na vida humana, através das decantadas questões da vida cotidiana.

Mas que país é este, que conhece um dos mais fantásticos e inusitados processos de urbanização contemporâneo?

É um país cuja esperança de vida passou de 43 para 60 anos de 1940 a 1980; cuja fecundidade despencou de 6.16 para 4.35; cuja taxa de urbanização passa de 1/3 para 2/3 da população total. Um país cujo processo de metropolização engloba 43% da população total, em 1980, aumentando esse percentual na década de 90. É um país pobre que conseguiu ser a 8.^a economia do mundo!

É também, um país massacrado pela pobreza e pela fome que a cada dia se constituem no ingrediente essencial da sua dimensão estrutural. A urbanização já foi para todos a esperança de mudança dessa perversidade estrutural. E, hoje, o que ela representa diante desses novos processos globais e mundiais?

Há questões finas, de cunho metodológico; que necessitam ser consideradas. A primeira delas é a distinção entre o urbano e a urbanização —dimensões espaciais da divisão social do trabalho— e a cidade, sua dimensão infraestrutural. A urbanização é o «fluxo», a cidade é o «fixo», o lugar, para utilizar distinção primorosamente feita por Milton Santos (1988).

Os tempos desiguais

Na cidade e na urbanização, há evidências de aceleração desigual do tempo (ritmos diversos), possibilitados pela diversidade técnica dos diferentes lugares. Isto nos remete a noção de lugar, de lugares diferentes. Cidade e localidade. Cidade como lugar. «A cidade, lugar de ebulição permanente» (Santos, 1988, p. 53). Mas também cidade e urbanização de tempos distintos, longos e curtos, tempos de toda ordem, pois espaços socialmente produzidos e apropriados. Do tempo longo, a tradição, os costumes, a língua. Do tempo curto a labuta cotidiana, o enfrentamento da cidade: do transporte, da violência, da sobrevivência: A fragmentação perversamente vivida na globalização. Traços destes tempos urbanizados, metropolitanos. Traços destes tempos urbanizados, metropolitanos. Traços destes tempos urbanizados, metropolitanos. Traços do Brasil urbano. «De geração em geração, o tempo da vida se projeta sobre um só espaço, de dimensões reduzidas, na escala do contato biológico entre o homem e seu ambiente, medido em distância de visão, de caminhada, de trabalho, de relação» (George, 1990, p. 163). Este é o espaço global (funcional) e fechado (social). Nele se sobrepõem os diferentes tempos resultantes também das especificidades das relações sociais.

Na cidade - o tempo da mobilidade, o espaço da fragmentação

O espaço fragmentado, é por excelência o espaço da cidade, ou o «espaço deslocado», de George (1990). É o espaço da heterogeneidade, dos valores diferenciais, da segregação. E, por exemplo, o espaço da verticalização que estamos estudando. Verticalização que significa segregação, mesmo espaço em tempos diferentes. Espaço que ressalta a fragmentação da metropole e do país. Uma homogeneidade espacial, heterogeneamente temporal, reveladoras de espacialidades e temporalidades específicas das relações sociais.

O espaço urbano é o espaço da globalização, da divisão social e internacional do trabalho.

Eis algumas questões interessantes para desvendar a globalização e fragmentação neste Brasil Urbano:

Uma espacialidade e uma temporalidade diferencial?

Seria uma historicidade ou temporalidade das relações sociais?

Como explicar, numa mesma formação social, submetida a uma mesma temporalidade das relações sociais, espacialidades tão diversas?

Ou, as dimensões humanas (logo sociais) da urbanização ultrapassam os limites das próprias relações sociais, atingindo outras dimensões do conhecimento e da ação humanas?

Teria o tempo e não apenas a história determinações sobre o espaço?

Estaria o tempo da vida definitivamente regulado pelo tempo económico, pelo tempo histórico, revelando a absoluta insensibilidade do homem para com a sua própria sobrevivência?

Sem dúvida alguma, a urbanização brasileira se constitui num campo fértil para todas estas elocubrações. De qualquer maneira, o aprofundamento delas nos conduz, infalivelmente para uma nova complexidade, uma nova transdisciplinaridade, uma nova epistemologia.

Questões e contribuições, que sem dúvida alguma emergirão do Simpósio sobre o novo Brasil urbano.

METRÓPOLE, SOCIEDADE E CIDADANIA

Reflexões no contexto da globalização

O objetivo deste texto é discutir a questão da cidadania relacionada aos processos das formações sócio-espaciais, no caso, tomando como empírico o processo de produção e apropriação do espaço da cidade de São Paulo.

O aprofundamento científico dessa questão nos indica que, esse processo tem sido, historicamente, um revelador permanente de exclusão e segregação.

A exclusão, revelada pela eliminação de muitos do próprio processo de produção do espaço, a segregação, jogando milhões de cidadãos em *espaços de risco*, em *espaços circunscritos e violentos*, da cidade. *E, afinal, os pobres nem mesmo permanecem nas casas que fazem ou lhes fazem. E não podem manter por muito tempo os terrenos que adquirem ou lhes dão sujeitos que estão, na cidade corporativa, à lei do lucro... Como morar na periferia é, na maioria das cidades brasileiras o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos.* (SANTOS, 1987: pp 46-47)

Neste sentido, o conhecimento científico das estratégias definidas pelos diferentes agentes que intervêm nesse fantástico processo de produção e apropriação do espaço importa e suas implicações com o processo de construção ser aprofundado cientificamente. E, a dimensão que interessa ser aprofundada, é aquela de compreensão do espaço da cidade (a materialidade concreta que se manifesta no processo de produção das infraestruturas, dos edifícios, etc.). Trata-se em última instância da compreensão da complexidade do lugar, do intrametropolitano.

O lugar na metrópole. A complexidade do intrametropolitano

Então, o que é o *intra* e como estudá-lo e compreendê-lo? As conexões se dão nos lugares. Lugar, como propõe Milton Santos, *área na qual se dá um acontecer solidário*, sendo portanto, uma categoria geográfica importante para o entendimento do processo social. Assim, a questão do intrametropolitano, não pode ser vista como uma face da configuração espacial em uma dada escala. Neste sentido é preciso estar atento aos esquemas analíticos lineares.

Benko (1993) faz uma interessante discussão a esse respeito, jogando inclusive com as palavras em francês: «lieu», «non-lieu» e «milieu». *Lugar, não lugar e meiolugar*. E o desenvolvimento daquilo que esse autor chama de *geografia de lugar nenhum*. E o «milieu» (meio), «mi» (metade), «lieu» (lugar), ou seja é o *meio lugar, o meio não lugar*. Espaços onde não são simbolizados, nem identidade, nem relação, nem história: os aeroportos, as autoestradas, os quartos de hotel. Nunca na história da humanidade, os não lugares ocuparam tanto espaço, especialmente nas áreas metropolitanas!

Esta proposição vem, a propósito também daquilo que Milton Santos chama de *meio técnico científico, o meio geográfico com um conteúdo de ciência e técnica*, para mim, os lugares das conexões *internacionais e transnacionais* múltiplas, para utilizar uma diferenciação de Dollfus (1993). As primeiras perpassando o Estado e as segundas prescindindo do mesmo.

A formação sócio-espacial e a globalização. Em busca de um novo paradigma

A configuração metropolitana, portanto, significa um conjunto de lugares, ou múltiplas conexões, cuja compreensão e análise passa pelo entendimento do processo de globalização, dos espaços da globalização, do meio técnico-científico, da formação sócio-espacial. Desafios para definição de novos paradigmas para aqueles que procuram entender a formação sócio-espacial e o território.

O que tentamos chamar a atenção neste texto é para a necessidade urgente e absoluta de enfrentarmos o desafio paradigmático evidente, sobretudo para os estudiosos do espaço social, do espaço geográfico, do território. As velhas abordagens não resistem mais a esta *aceleração contemporânea*.

Aos poucos o mundo se torna grande e pequeno, homogêneo e plural, articulado e multiplicado. (Ianni, 1992). A consistência das categorias analíticas que recortam o mundo (a realidade) necessitam urgentemente de revisão.

Numa perspectiva de trabalho, para o desenvolvimento desta questão, a formação econômica e social se constitui numa categoria explicativa a ser adotada. o espaço é social e a história não se escreve fora do espaço (Santos, 1985).

Assim, foi desenvolvida a explicação sobre uma geografia metropolitana relevante, o processo de verticalização (Souza, 1989). Categorias analíticas e

identificação de agentes que configuram os processos sociais (e espaciais), vem sendo definidos para a compreensão da formação sócio-espacial brasileira.

Nesse processo fica evidente a estratégia adotada pelas diferentes «aparências» do capital, uma viabilizando a outra na produção do espaço urbano. A forma (vertical), realizando com máxima eficiência e eficácia um desígnio do homem metropolitano —morar em edifício— e do capital (aproveitando-se de uma aceleração tempo/espaço oferecida pelos lugares metropolitanos, definida pelo mercado e pela disponibilidade de renda).

Aqui a forma é entendida como materialidade técnica, portanto, como trabalho. Técnica e trabalho mundial e global, evidenciados (no edifício) também pela produção arquitetônica. Discurso global da arquitetura moderna (ou pós-moderna) Afinal, nesse processo de produção do espaço estão perfeitamente relacionados, numa estratégia perfeita de reprodução capitalista, o fundiário, o produtivo, o imobiliário e o financeiro, diferentes «caras» do grande capital. Caso contrário como explicar o fantástico processo de verticalização que cada vez mais caracteriza a urbanização brasileira? Neste sentido, uma análise refinada do capital e seus agentes se constituía numa excelente pista para o estudo das transformações intrametropolitanas. Indiscutivelmente o capital, nesta perspectiva é uma categoria analítica do urbano e, conseqüentemente do intrametropolitano.

Atenção, no entanto, para as conexões mundiais (geográficas) e globais (técnicas) da produção do espaço urbano. Reduzir o campo analítico desta questão a uma dimensão escalar exclusiva (nacional, regional ou local), poderá significar uma perda de qualidade na compreensão do processo metropolitano contemporâneo.

No estudo da metrópole há que se distinguir o mundial, do global. A mundialização, desde há muito caracterizou o fenômeno metropolitano, em todos os sentidos. No entanto, a globalização é decorrência do desenvolvimento técnico e científico, portanto, um processo contemporâneo.

No intrametropolitano: a aparência e a essência. A questão da cidadania

E, é exatamente essa compreensão que nos permite estabelecer uma outra distinção para as metrópoles dos países pobres, cujo significado necessita ser refinado. Há de se imaginar que, mesmo na definição dessa estratégia perfeita das «formas» do capital no processo de produção e apropriação do espaço metropolitano, os processos são distintos, pois as formações sociais são diversas e os níveis de exploração da força de trabalho e das tecnologias utilizadas na produção do espaço são nitidamente distintas. Caso contrário, difícil explicar as paisagens urbanas das diferentes formações sociais, no modo de produção capitalista. Aqui já se faz necessária uma distinção ainda pouco trabalhada pela metodologia geográfica: a aparência e a essência.

A paisagem vertical da metrópole define um processo de globalização, sem dúvida alguma. Há uma mesma aparência. No entanto, na sua essência, no processo e no conteúdo, para utilizar duas das quatro categorias propostas por SANTOS (1985), há uma diferença flagrante, pois histórica.

No entanto, há outros aspectos geográficos interessantes de serem resgatados, de natureza geográfica para a compreensão dessa questão complexa do espaço intrametropolitano, numa perspectiva de globalização.

Até aqui foi enunciada uma das categorias analíticas do Urbano: o capital e suas «aparências». Mas há outras, interagentes com essa primeira, que produzem e apropriam espaço Urbano: o Estado, o Trabalho e a Terra, como Mercadoria. Capital, Estado, Trabalho e Terra Mercadoria, categorias interagentes que configuram a formação sócio-espacial, dando-lhe concretude.

Globalização e Cidadania

Mas, a diferenciação entre formações sociais, neste período da história distingue como nunca um aspecto do mundo resultante dessa globalização: a cidadania. Esta manipulada pela cultura importada, pela informação massificada que faz da virtualidade o alimento do não indivíduo, que é seu producto maior.

Aqui reside um fértil filão para a compreensão de graves problemas metropolitanos (aparentemente intrametropolitanos), como a fome, a dominação pela religião, a violência, características destes tempos.

Os pentecostais que se transformam a cada dia numa massa incalculável de não cidadãos (pois a liberdade lhes é vedada, em nome do Senhor), que produzem espaços e passam a se constituir numa massa de manobra, numa dimensão mundial e global, tirando um fantástico proveito da globalização (técnica e informação) para consolidar-se, inclusive como poder político e religioso (GOUVEIA, 1993).

As imagens de uma modernidade marcada pela técnica extenderiam, assim a sua influência muito além do limiar efetivo de sua incorporação útil em formas concretas de organização da sociedade (Ribeiro, 1992: 153).

A este processo é fundamental, alidado àquele anteriormente referido na definição dos processos de metropolização. o desafio que temos hoje de explicá-los, para explicar o mundo, não cabe sequer nos sofisticados *softs*, pois para explica-los é preciso vê-los. O mundo afinal de contas, é real.

E os olhos de muitos de nós estão ainda cerrados...

BIBLIOGRAFIA

BENKO, Georges (1993): *Géographie de nulle part ou hyperglobalisation. Un coup d'oeil sur le monde postmoderne*. (Mimeo). Paris.

- DOLFFUS, Olivier (1993): *Geopolítica do Sistema Mundo*. In «Fim de Século e Globalização». O Novo Mapa do Mundo. Hucitec/ANPUR. São Paulo.
- GEORGE, P. (1990): *Le métier du géographe. Un demi-siècle de Géographie*. Paris, Armand Colin.
- GOUVEIA, Gualberto Luiz Nunes (1993): *A Cidadania dos Despossuídos: Segregação e Pentecostalismo*. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP. Departamento de Geografia. Inédito (mimeo). São Paulo.
- IANNI, Otávio (1992): *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres (1993): *Mutações na Sociedade Brasileira: Seletividade em Atualizações Técnicas da Cultura*. In «Fim de Século e Globalização». O Novo Mapa do Mundo. São Paulo. Hucitec/ANPUR.
- SANTOS, Milton (1978): *Por uma Geografia Nova*. São Paulo. Hucitec/EDUSP.
- SANTOS, Milton (1985): *Espaço & Método*. Nobel. São Paulo.
- SANTOS, Milton (1987): *Espaço do Cidadão*. São Paulo, Nobel.
- SOUZA, Maria Adélia de (1989): *A identidade da Metrópole - O Processo de Verticalização em São Paulo*. Tese de Livre Docência. FFLCH USP. Departamento de Geografia. São Paulo.
- SOUZA, Maria Adélia de (1991): *Conexões Geográficas: um ensaio metodológico. Uma versão ainda preliminar*. (Inédito). Departamento de Geografia da USP.

RESUMEN

Reflexiones sobre la Metrópoli Global.

Se plantean teóricamente la metropolización como fenómeno básico de la globalización, y se consideran, por un parte, los cambios producidos a nivel intrametropolitano, y por otra, como base de la globalización, las relaciones entre las Metrópolis, la Sociedad y la Ciudadanía.

ABSTRACT

Reflections on the Global Metropolis.

Metropolisation is analysed, in theory, as a fundamental feature of globalization, with a study of intra-metropolitan changes. Relations among Metropolis, Society and Citizenship appear as a base for globalization.

RESUME

Quelques réflexions sur la métropole globale.

On étudie de façon théorique la métropolisation comme phénomène fondamental de la globalisation. Il y a deux sujets principaux à analyser: les changements internes des métropoles et les rapports entre métropole, société et citoyens.